

NOVAS PERSPECTIVAS SOBRE SOCIEDADES DE CAÇADORES-RECOLECTORES. REVISÃO CRÍTICA DE “MAN THE HUNTER”*

por

Sérgio E. Monteiro-Rodrigues**

0. INTRODUÇÃO

Muito embora no decurso do Simpósio *Man the Hunter* (realizado em Chicago em 1966) numerosos temas relativos às sociedades de caçadores-recolectores tivessem sido revistos à luz das novas perspectivas da época, a “imagem” que delas permaneceu, praticamente até aos nossos dias, foi a sintetizada por R. B. Lee e I. Devore em *Nomadic Style*. Neste capítulo, inserido na obra que resultou do referido simpósio, estes autores procuraram reunir toda uma série de elementos sociais, económicos, tecnológicos, demográficos, etc., susceptíveis de caracterizar de forma abrangente e global este tipo de sociedade. Recentemente (e mesmo já durante o Simpósio), tal caracterização foi alvo de contestação uma vez que outros antropólogos a consideraram reducionista.

Neste artigo, procurámos apresentar as suas críticas a alguns dos princípios gerais que desde os anos 60 foram, sistematicamente, tidos como certos. São eles:

- O de que as sociedades de caçadores-recolectores são *sociedades simples*;
- O de que a *fluidez social* se destina à resolução de conflitos no interior dos grupos;
- O de que os caçadores-recolectores actuais não podem ilustrar o modo de vida dos do passado apenas por factores de ordem histórica;
- O de que os caçadores-recolectores vivem num sistema socio-político de *comunismo primitivo*.

* Trabalho realizado no âmbito da cadeira de “Modelos Sociológicos em Arqueologia”, integrada no Mestrado em Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (ano lectivo de 1991-1992).

** Assistente de Arqueologia e Pré-História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

1. 0 NOMADIC STYLE

De acordo com R. Lee e I. Devore (LEE e DEVORE, 1968), os caçadores-recolectores vivem em bandos, ou seja, pequenos grupos com cerca de 25 a 50 pessoas. O seu modo de subsistência baseia-se na caça e na recollecção de produtos selvagens, sendo esta última actividade mais importante do que a primeira. Ciclicamente, e de acordo com os ritmos sazonais, movimentam-se dentro de um vasto território de exploração onde vão construindo acampamentos constituídos, em média, por 6 a 8 cabanas.

Dada a importância da manutenção de um equilíbrio constante entre população e recursos naturais, os caçadores-recolectores veem-se obrigados a desenvolver mecanismos de controle demográfico, que vão desde o infanticídio até à própria contenção sexual, sustentada pela criação de tabus relativos à prática de relações sob determinadas circunstâncias. Assim, nestes grupos, a densidade demográfica é da ordem de 1 indivíduo por cerca de 2 quilómetros quadrados. Esta relação significa que os níveis de consumo oscilam somente entre 30% a 40% do total de capacidade de carga do nicho ecológico, situação que se revela ideal, já que evita o esgotamento dos alimentos disponíveis. Quando se verifica qualquer alteração neste equilíbrio surgem imediatamente mecanismos naturais que tendem a restabelecê-lo - por exemplo, doenças e mortes resultantes da má nutrição.

Do ponto de vista social, os caçadores-recolectores correspondem a sociedades acéfalas e igualitárias. Este igualitarismo é consequência de vários factores subjacentes ao seu estilo de vida. Por um lado, o nomadismo é incompatível com a posse de propriedade, quer móvel — pelas dificuldades que esta coloca às deslocações —, quer imóvel — dado que o constante movimento impede a criação de laços com estruturas habitacionais e com a terra. Segundo vários autores, esta última é concebida como um bem pertencente a todos os indivíduos, independentemente da comunidade de origem. Tende assim a haver uma “igualitarização” natural entre as pessoas.

Por outro lado, devido à grande disponibilidade de recursos na natureza, o armazenamento de produtos torna-se desnecessário, pelo que não se geram quaisquer distinções hierárquicas baseadas na posse de riquezas acumuladas. Pelo contrário, os alimentos e outros bens adquiridos destinam-se ao consumo ou utilização imediatos, sendo repartidos igualmente pelos membros da comunidade ou entre comunidades.

Tal ideia de *partilha* é um dos princípios fundamentais que rege as relações sociais dos caçadores-recolectores. M. Sahlins (SAHLINS, 1974) chamou-lhe *generalized reciprocity*: dar sem esperar receber algo em troca é uma forma de garantir a segurança a prazo na medida em que aquele que dá poderá receber num

período de dificuldades. Ao mesmo tempo este comportamento atenua as diferenças entre os que têm mais e os que têm menos. De acordo com R. Lee, os caçadores-recolectores revelam uma forte aversão a qualquer factor que fomente diferenciação entre si. Por isso desenvolveram processos de nivelamento social, que o autor denomina *levelling devices*. Um deles, e talvez dos mais interessantes, tem a ver com a ridicularização através do humor de alguém que tente superiorizar-se dentro da comunidade. Entre os Bosquimanes !Kung, quando um caçador se envaidece pela grandiosidade da sua presa os companheiros troçam dela, dizendo que pouco vale. Procuram assim, subtilmente, anular o seu sentimento de autovalorização. Como refere o mesmo autor, o destaque social parece ser um tabu tão forte quanto o incesto (LEE, 1991).

Também nestas sociedades não existe qualquer autoridade política ou de chefia com poderes cristalizados e permanentes. De facto, as decisões importantes são, de um modo geral, tomadas democraticamente em reuniões onde participam homens e mulheres. As opiniões dos mais velhos ou de certos núcleos familiares podem, contudo, ter um maior peso face a determinadas deliberações.

Nas actividades diárias, nomeadamente na caça, existem "líderes" apenas com uma função coordenadora e orientadora, os quais se diluem imediatamente após a conclusão das referidas tarefas. Tal função é-lhes atribuída geralmente pelo facto de serem os indivíduos mais experientes.

Perante todo este quadro social, diversos autores, entre os quais R. Lee (LEE, 1968 e 1991), criaram a noção de *Comunismo Primitivo*, como sendo o sistema sócio-político subjacente às comunidades de caçadores-recolectores.

Uma outra característica destas sociedades salientada no simpósio *Man the Hunter* é a sua *fluidéz*. Por este conceito entende-se a capacidade dos indivíduos se integrarem noutros bandos ou se dedicarem a outras tarefas em função de uma dada circunstância. Este aspecto é fundamental na medida em que, por um lado, facilita a entrada de novos elementos numa comunidade com fins matrimoniais. Por outro, possibilita a separação dos seus membros em períodos de crise ou tensão.

Lee (LEE, 1968), Turnbull (TURNBULL, 1963) e Woodburn (WOODBURN, 1968) detectaram este comportamento social entre os Bosquimanes !Kung, os Pigmeus MButi e os Hadza, respectivamente. Durante cerca de 10 meses estes caçadores-recolectores viviam em grupos relativamente numerosos, próximos entre si. Na época em que os recursos abundavam dividiam-se em sub-bandos que se dispersavam por um vasto território. Naquele período, de aproximadamente 2 meses, eram poucos os contactos que mantinham com o bando de origem. Quando interrogados sobre as razões destas movimentações, os caçadores justificavam-se dizendo que nos meses de maior escassez necessitavam de estar mais unidos para

conseguirem uma recollecção de alimentos rentável. Já nos períodos de abundância, pelo contrário, podiam separar-se pois “a caça quase podia ser apanhada à mão”.

Estes antropólogos, no entanto, verificaram que ao longo do ano não existia nenhuma oscilação significativa nem na quantidade de caça nem de produtos recolectáveis que explicasse tal comportamento. Assim, interpretaram-no como um mecanismo de manutenção da *ordem social*. Durante os 10 meses em que viviam juntos desenvolviam-se, dentro do bando, conflitos e estados de tensão que era urgente libertar. Por isso, os caçadores “inventaram” uma época de abundância para se separarem, após a qual estavam prontos para se reunir novamente, não afectando, deste modo, a coesão do grupo.

Este mecanismo é possível graças ao sistema de *Comunismo Primitivo* em que estas populações vivem. A ausência de propriedade, a inexistência de chefes, bem como o princípio da reciprocidade, facilitam a passagem de indivíduos de bando para bando. Por outro lado, como referem os autores acima citados, a desvalorização dos laços de parentesco nas comunidades de caçadores-recolectores torna ainda mais viável o abandono dos grupos a que pertencem e a respectiva integração em novos bandos perante situações de pressão.

2. CAÇADORES-RECOLECTORES: SOCIEDADES SIMPLES?

Uma das primeiras impressões deixadas pelo *Nomadic Style* é a de que todas as sociedades de caçadores-recolectores são *simples* — ou seja, correspondem à forma de organização social mais elementar conhecida. Como tal, são nómadas, pois como não produzem os seus alimentos têm de circular por um vasto território onde os adquirem no estado selvagem; são igualitárias, devido ao sistema que garante a distribuição igualitária da riqueza que possuem; vivem em pequenos grupos com baixa densidade demográfica, condição fundamental para a manutenção do equilíbrio com os recursos; e apresentam uma tecnologia rudimentar.

Esta perspectiva traduz claramente a tendência evolucionista da Antropologia dos anos 60, na medida em que se considera que as sociedades de caçadores-recolectores, pelo facto de revelarem um modelo de organização que à partida mais se assemelha com o das sociedades pré-históricas, têm de incluir necessariamente, e apenas, formas incipientes de estruturação social. Deste modo, perante as controversas “populações primitivas” do Hemisfério Norte, principalmente as da costa ocidental dos EUA (os índios *Chinook*, os *Kwakiutl*, os esquimós *Netsilik*, os *Ainu*, entre muitos outros), que apresentavam uma grande complexidade, muitos antropólogos caíram na tentação de as considerar como excepções no quadro geral das sociedades de caçadores-recolectores. Na opinião de alguns, elas resultariam de um processo evolutivo ocorrido em sociedades inicialmente mais simples; segun-

do outros, seriam o fruto do contacto com a civilização ocidental.

Suttles (SUTTLES, 1968), Balikci (BALIKCI, 1968), Watanabe (WATANABE, 1968), e mais tarde A. Testart (TESTART, 1982), assumem novas posições perante estas comunidades. Por um lado, acentuam a ideia de que elas devem ser de facto consideradas sociedades de caçadores-recolectores uma vez que a sua subsistência baseia-se predominantemente naquelas actividades. Por outro lado, referem que a sua complexidade social, mais do que ter sido consequência da evolução de sociedades *simples* como os Bosquimanes ou os Hadza, ou do contacto com a sociedade americana, parece antes resultar de um processo de adaptação a meios ecológicos com características muito próprias, onde se desenvolveu, como refere Testart, um *sistema tecno-económico baseado no armazenamento de produtos alimentares*.

Todas estas comunidades índias habitam regiões costeiras de altas latitudes onde há uma grande diversidade de recursos, predominantemente de origem marinha. Contudo, estes recursos estão marcados por uma forte sazonalidade, o que origina períodos de abundância (nos dois meses de verão) e de muita escassez (na maior parte do ano, com tendência a agravar-se em Janeiro e Fevereiro). Torna-se então necessário proceder ao seu armazenamento em grande escala de modo a que a sobrevivência esteja sempre garantida.

Como consequência desta prática, as populações adquirem um modo de vida sedentário (ou semi-sedentário, se considerarmos que durante os meses de verão há grupos que deixam o acampamento para irem recolher alimentos) — primeiro, porque a grande quantidade de recursos armazenados evita que as populações tenham de se deslocar em massa para os obter; segundo, porque o seu volume dificulta o respectivo transporte de um local para outro; terceiro, porque o desenvolvimento de técnicas de conservação, nomeadamente a defumação (ideal para peixe e carnes gordas dos mamíferos marinhos) assegura a qualidade dos alimentos durante um longo espaço de tempo. L. Binford (BINFORD, 1983) refere igualmente a importância do armazenamento para a fixação dos caçadores-recolectores que denomina de *collectors*¹, entre os quais se poderão incluir os agora analisados.

Estas mudanças no modo de vida vão, por seu turno, reflectir-se em termos demográficos. Ao contrário do que sucede no Hemisfério Sul, onde os bandos não incluem mais de 50 pessoas, encontramos aqui acampamentos densamente povo-

¹ Aos *collectors*, Binford, contrapõe os *foragers*, caçadores-recolectores com um modo de vida do tipo do dos Bosquimanes. Como refere, *foragers typically do not store foods but gather goods daily. They range out gathering food on an "encounter" basis and return to their residential bases each afternoon or evening. (...) Another distinctive characteristic is that there may be considerable variability among foragers in the size of the mobile group as well as in the number of residential moves that are made during an annual cycle* (pág. 339).

ados, por vezes com mais de 500 habitantes. A explicação para este facto reside na capacidade em manter-se constante um valor elevado de recursos alimentares que faz com que, não só não existam restrições ao número de filhos por casal, como também estejam ausentes sintomas de má nutrição. Este último factor conduz, conseqüentemente, à diminuição da taxa de mortalidade.

Do ponto de vista arqueológico, estes mecanismos demográficos em sociedades de caçadores-recolectores assumem-se da máxima importância. De acordo com Binford (BINFORD, 1972 e 1988), a ocorrência da “Revolução Neolítica”, explicada à luz do modelo *Open Population System*, deve-se em parte ao crescimento de populações de tipo *collectors*, a partir das quais emergiram grupos que ocuparam ambientes ecológicos marginais. Aí sentiram a necessidade de criar novas estratégias de subsistência, entre as quais se inclui a própria agricultura.

Seguindo esta perspectiva, é possível aceitar a hipótese dos caçadores-recolectores do passado, principalmente os do Paleolítico Superior, não terem sido sociedades *simples*, ao contrário do que procuraram afirmar alguns arqueólogos dos anos 60, mas antes sociedades complexas, com uma dinâmica semelhante à de algumas comunidades de índios do Norte da América.

O sistema económico baseado no armazenamento favorece igualmente o nascimento de uma acentuada hierarquização social, traduzida pela desigual distribuição da riqueza. Ao contrário do que sucede nas populações africanas, não existe aqui a ideia de partilha ou reciprocidade. Cada família procura adquirir para si a maior quantidade possível de alimentos (e outros bens), visando enfrentar a carestia proporcionada pelo inverno. Deste modo, aquelas que possuem maiores *stocks*, são as que, normalmente, tendem a usufruir de um maior prestígio social e a controlar a comunidade. Logo à partida, podem converter os excedentes em objectos exóticos através de relações comerciais com populações periféricas. Pelo facto de serem sedentários não se levantam quaisquer problemas relativamente ao transporte de grandes peças metálicas ou de grandes recipientes de madeira (nestas regiões, a madeira substituiu a cerâmica durante muito tempo).

Quanto ao controle da comunidade, ele dá-se pela criação de situações de endividamento entre famílias ou indivíduos. Num período de maiores dificuldades, um grupo carente de produtos essenciais terá de contrair empréstimos aos mais abastados, os quais poderão ser pagos, posteriormente, através da prestação de serviços gratuitos. Esta situação conduz, inevitavelmente, ao aparecimento de uma sociedade escalonada e competitiva, onde a conflituosidade entre os seus membros poderá ser uma constante. Torna-se pois necessária, a existência de indivíduos mediadores das relações comunitárias, aos quais cabe a função de as regulamentar e, em última instância, as sancionar: os chefes.

Muito embora a sua autoridade seja incontestável — uma vez que a trans-

missão deste estatuto é hereditária — estes têm de a afirmar publicamente. Para isso recorrem essencialmente a duas estratégias: tanto usam símbolos materiais de poder (chapéus enfeitados com penas de certas aves, roupas muito decoradas, grandes casas, etc.) como, ciclicamente, organizam rituais denominados *Potlatch* em que distribuem a sua riqueza. Dois destes rituais mais significativos são a “Festa” dos *Chinook* e a “Festa da Gordura” dos *Kwakiutl*. Na primeira, o Grande Chefe e a sua família oferecem uma enorme refeição durante a qual são feitos concursos para ver quem come mais. Na segunda, a demonstração de ostentação e poder é feita através da distribuição de óleo de peixe, parte do qual destina-se a ser destruído numa fogueira sagrada. Tais rituais acentuam, sem dúvida, a imagem gloriosa dos respectivos líderes.

Após estas festas, onde todos participam, surge na consciência colectiva um sentimento de dívida para com os chefes. A forma encontrada para a saldar é, por um lado, a aceitação da sua autoridade, e por outro, o seu reconhecimento como *Senhor da Natureza*, ou seja, *o dono dos rios, do mar, das terras e das manadas*. Este estatuto é altamente lucrativo, pois significa que ele tem de receber o *Nootka* — tributo pelo qual lhe são dados grande parte dos produtos recolhidos no início de cada primavera.

Um outro aspecto ligado à complexidade social destas comunidades da América do Norte é o aparecimento de grupos profissionais especializados. A sua presença justifica-se, na opinião de A. Testart, pela existência de um “mercado” de consumidores suficientemente alargado, que em troca dos produtos por eles fabricados, fornece-lhes os bens essenciais à sua subsistência. Este sistema reflecte uma sociedade populacionalmente numerosa e com uma elevada quantidade de excedentes.

Em conclusão, parece poder afirmar-se que nem todas as sociedades de caçadores-recolectores correspondem às descritas por Lee e Devore na obra *Man the Hunter*. Como referem os vários autores que estudaram os índios da costa ocidental dos EUA, os biomas terrestres foram determinantes no aparecimento de uma grande variedade de formas de organização social nas comunidades humanas. No caso do Hemisfério Norte, como se viu, as condições climáticas adversas conduziram à adopção de uma estratégia de subsistência baseada no armazenamento a qual, por sua vez, originou um modo de vida sedentário, um aumento demográfico, uma clara hierarquização social e o nascimento de grupos profissionais especializados. No Hemisfério Sul, pelo contrário, a abundância de recursos durante todo o ano, ainda que dispersos por territórios com milhares de quilómetros quadrados, favoreceu o nomadismo, a baixa densidade populacional e a inexistência de uma autoridade política.

Qualquer um destes modelos sociais corresponde a uma resposta adaptativa, através da qual foi possível uma maior rentabilização económica do meio.

3. NOVA PERSPECTIVA DA NOÇÃO DE *FLUIDEZ* NAS SOCIEDADES DE CAÇADORES-RECOLECTORES

A *fluidéz* é uma das características fundamentais das sociedades de caçadores-recolectores. Segundo alguns antropólogos participantes no simpósio *Man the Hunter* (Woodburn, Turnbull, entre outros), ela funciona como mecanismo regulador das tensões existentes no interior das comunidades na medida em que permite a *fissão* dos grupos e, conseqüentemente, a libertação dos conflitos latentes. A sua manutenção torna assim possível, a prazo, a coesão dos indivíduos.

Como referimos anteriormente, a *fluidéz* existe devido a três factores principais:

- O primeiro relaciona-se com a riqueza dos nichos ecológicos ocupados por estas populações. Perante situações de conflituosidade, os laços que as unem podem ser facilmente quebrados dado que a interajuda não é fundamental à sobrevivência. Um indivíduo isolado pode suprimir aceder sem dificuldade aos produtos de que necessita para a sua alimentação.
- Em segundo lugar, a não existência de propriedade privada facilita o abandono de um determinado local sem que seja necessário abdicar de bens pessoais valiosos.
- Em terceiro lugar, graças aos princípios da *generalized reciprocity* e da hospitalidade, os quais pressupõem que qualquer comunidade está pronta a receber elementos “estranhos”. Como diz Turnbull (TURNBULL, 1968), a organização do bando não implica necessariamente relações de parentesco. Pelo contrário, os indivíduos que o formam estão unidos segundo critérios *ad hoc*, geralmente decorrentes de circunstâncias momentâneas.

Nesta perspectiva, os caçadores-recolectores foram vistos como *sociedades abertas*, desprovidas de membros fixos, circulando constantemente entre vários acampamentos.

Estudos mais recentes, realizados por Jon Pedersen e Espen Woehle (PEDERSEN e WOEHLE, 1991), sobre os *Bamgombi* e os *Efe* (populações de pigmeus), vieram pôr em questão esta ideia de uma organização social alietória, bem como justificar a *fluidéz*, não como um mecanismo de manutenção da ordem social, mas antes como uma resposta adaptativa ao estilo de vida resultante dos contactos com populações agrícolas que ocupam o território periférico ao dos pigmeus, os *Mpimú*.

a) A identidade dos grupos locais

Ainda que pertencentes à mesma etnia, há nos *Bamgombi* e nos *Efe* aspectos que os individualizam e lhes conferem uma certa identidade enquanto grupos autónomos. Logo a partida, cada uma destas comunidades tem um nome próprio, com o qual se identificam os seus habitantes. Do ponto de vista ritual, ambas apresentam um culto ligado a uma família de deuses da floresta, que embora seja estruturalmente semelhante entre si, inclui divindades com nomes diferentes. As danças cerimoniais são igualmente distintas. Os dois bandos reconhecem mutuamente os respectivos territórios de exploração e concebem-nos como propriedade daqueles que os ocupam.

Um outro elemento que demonstra a coesão dos grupos locais diz respeito à valorização dos laços familiares, os quais, segundo Jon Pedersen e Espen Woehle, constituem a base da união entre os indivíduos. De um modo geral, as famílias procuram manter-se unidas. Prova disso é, por exemplo, o elevado preço atribuído às noivas. Como estas sociedades praticam a exogamia e a patrilocalidade (o que implica a saída da mulher do seu bando para ir habitar o do homem), os casamentos tendem a ser bastante dificultados de modo a não haver rupturas nos laços de parentesco.

Ao darem estes exemplos, os autores citados, procuraram demonstrar que, de facto, os caçadores-recolectores não quebram facilmente as ligações com o grupo em que nasceram (aliás, durante todo um ano de trabalho de campo assistiram somente a duas mudanças residenciais). Se eventualmente ocorre uma fissão entre os membros do bando (geralmente por motivos de força maior), verifica-se que nos novos pequenos grupos que surgem, os indivíduos mantêm-se preferencialmente ligados por laços familiares. É possível, portanto, reformular-se a concepção tradicional da sociedade de caçadores-recolectores enquanto célula de organização extremamente "fluida", cujos elementos vivem passando constantemente de uns bandos para outros.

Não se pretende negar, porém, que eles se visitem mutuamente e se instalem por algum tempo noutras comunidades. Contudo, no decurso destes períodos, nunca deixam de se sentir como "estranhos", pois encontram-se num grupo a que realmente não pertencem.

b) Os caçadores-recolectores e os agricultores

Como os antropólogos têm vindo a constatar, as sociedades de caçadores-recolectores nunca viveram isoladas. Pelo contrário, mantiveram sempre relações com outras populações, por vezes detentoras de uma economia agrícola e com

formas muito complexas de organização social. Deste modo, tornou-se necessário o desenvolvimento de estratégias que viabilizassem a sua convivência.

No caso em análise, uma dessas estratégias parece ter sido a aquisição, por parte dos caçadores-recolectores, de uma certa *fluidez* social. Esta, mais do que destinar-se a aliviar tensões, permite-lhes a maximização de um alargado leque de actividades económicas disponíveis.

Durante o período das sementeiras e das colheitas, os agricultores *Mpimú* oferecem trabalho nos campos a alguns Pigmeus. Surge, assim, uma situação que implica *fissão social* entre os membros das comunidades *Bamgombi* e *Efe*: parte destes caçadores vai auxiliar os *Mpimú*, enquanto que os outros ficam a viver da caça e da recolção no seio da floresta. Conseguem, deste modo, obter mais “lucros” já que alargam claramente as suas estratégias de subsistência — ao que recolhem na floresta, juntam alguns bens fornecidos pelos agricultores.

Por outro lado, em certas épocas do ano, os *Mpimú* dedicam-se à caça (praticada por indivíduos especializados nesta actividade que nunca trabalham na terra) em consequência da diminuição dos produtos agrícolas. Gera-se, então, uma forte concorrência entre os *Mpimú* e os bandos de Pigmeus uma vez que passam todos a partilhar dos mesmos territórios de exploração. A solução encontrada pelos Pigmeus para superar este problema encontra-se uma vez mais ligada à capacidade de *fissão*: parte deles avança para o interior da floresta, onde a caça abunda; os outros permanecem com os agricultores, desempenhando funções de batedores. Como recompensa, podem usar com alguma frequência as armas de fogo que aqueles lhes emprestam, bastante mais eficazes do que as armas tradicionais.

Um outro factor que fomenta a *fluidez*, é o desejo constante de liberdade e de autonomia. Muito embora os laços estabelecidos com os *Mpimú* sejam considerados de grande importância (une-os um parentesco simbólico), os Pigmeus não hesitam em quebrá-los a partir do momento em que estes se transformem num mecanismo de domínio social por parte dos agricultores. Assim, quando eles lhes pedem a prestação de serviços gratuitos, os caçadores-recolectores regressam imediatamente à floresta, mantendo a sua independência.

Depois do trabalho realizado por Jon Pedersen e Espen Woehle, pode concluir-se que a *fluidez* e a capacidade de *fissão* demonstradas pelas sociedades de caçadores-recolectores não resultam exclusivamente dos factores que alguns antropólogos salientaram em 1966. Como vimos, a união dos bandos é sustentada sobretudo por laços familiares, pelo que é pouco provável que os indivíduos de determinados grupos locais se separem para se inserirem noutros grupos compostos por elementos “estranhos” ente si. Assim, a ideia desenvolvida por Turnbull, segundo a qual a *fluidez* se destinava à libertação de tensões acumuladas no seio

das comunidades, estará longe de se tornar um princípio geral. Aparentemente, tal comportamento social parece antes corresponder a uma *estratégia de convivência e de adaptação a contextos socio-ambientais específicos* (PEDERSEN e WOEHLE, 1991).

As populações que Turnbull estudou, e que o levaram a referir-se à *fluidez* nos moldes descritos, viviam em grandes povoados-reserva criados pelo governo do Zaire, aos quais não estavam habituadas. De acordo com Pedersen e Woehle, é natural que mediante tais condições de vida, os caçadores preferissem conquistar a sua autonomia regressando sozinhos à floresta, em vez de ficarem próximos da sua família, onde estariam privados de liberdade.

Durante o seu trabalho de campo, estes dois autores verificaram que a forma mais comum de *libertar tensões* era um certo "enclausuramento" generalizado dentro das cabanas, enquanto que alguém no seu exterior falava alto sobre os problemas que afligiam a comunidade.

* * *

Esta forma de perspectivar a organização social dos caçadores-recolectores, tendo em conta os contactos com outras populações vizinhas, tecnológica e socialmente mais complexas, reflecte uma transformação ao nível da teoria antropológica.

Até há bem poucos anos, as sociedades de caçadores-recolectores eram vistas como resquícios vivos de povos do passado, gradualmente acantonados a áreas marginais devido à expansão de comunidades portadoras de uma cultura mais "forte". Como consequência, as populações primitivas passaram a apresentar *desvios culturais* herdados ou impostos pelos grupos "opressores" — *i.e.* capacidades técnicas, estratégias económicas, características socio-culturais, etc. anacrónicas. Por outras palavras, os caçadores-recolectores teriam sofrido um processo de aculturação que adulterou o seu modo de vida prístino.

Antropólogos dos finais dos anos 80 e anos 90, vieram, contudo, confirmar que o estabelecimento de relações entre sociedades com diferentes características socio-económicas é já muito antigo. Poderão mesmo datar, segundo Binford, dos finais do Paleolítico superior, período a partir do qual a Humanidade começou a desenvolver, paralelamente, duas principais estratégias adaptativas: uma que conduziu ao aparecimento de sociedades agrícolas e outra, aos caçadores-recolectores modernos (BINFORD, 1972).

Seguindo esta perspectiva, estas últimas sociedades não podem, então, ser olhadas como o resultado de um desvio face a uma condição necessariamente primitiva. Todos os elementos que comportam e que as tornam diferentes dos nossos antepassados, são fruto duma evolução, de uma história própria. No seu estudo, não é possível fazer-se uma filtragem daquilo que parece ser o "puro", o

“arcaico”, para deixar de lado o “herdado” ou o “moderno”. Como refere N. H. Bird-David (BIRD-DAVID, 1991), a Antropologia ao estudar os caçadores-recolectores contemporâneos deve encarar o fenómeno do *contacto* como um elemento integrado na respectiva dinâmica cultural.

4. CAÇADORES DO PRESENTE E CAÇADORES DO PASSADO

Segundo B. Bender e B. Morris, um dos grandes contributos do Simpósio *Man the Hunter* foi ter-se insistido que *contemporary gatherer-hunters — geographically, politically and socially marginalized — could not be used to document a former way of life* (BENDER e MORRIS, 1991, p. 5). De facto, Lee e Devore (LEE e DEVORE, 1968), L. Binford (BINFORD, 1968), S. Binford (BINFORD, 1968), entre outros, chamaram a atenção para este aspecto. No entanto, as causas mais apontadas para a impossibilidade da *analogia* entre os caçadores do presente e os do passado foram as alterações culturais resultantes do processo de acantonamento, que focamos no ponto anterior, e que foram bem ilustradas pelo percurso histórico dos Bosquimanes.

Há cerca de 10.000 anos, este povo distribuía-se por grande parte do Continente Africano, concentrando-se essencialmente em regiões muito ricas em recursos naturais, localizadas a norte, a nordeste e a noroeste da África do Sul e do Botswana. Tal facto, está demonstrado quer pela descoberta de esqueletos deste tipo de homem em áreas muito distantes relativamente às que ele ocupa actualmente, quer pela existência de “cliques” em algumas línguas tanzanianas, idênticos aos dos Bosquimanes. Com a expansão dos Congoleses, vindos do Norte e do Oeste, possuidores de uma cultura mais desenvolvida, os Bosquimanes iniciaram um processo de acantonamento, acabando por ficar restringidos ao Deserto do Kalahari (LEE, 1968 e CAMPBELL, 1983).

Perante estas novas condições tiveram de desenvolver estratégias adaptativas muito diferentes daquelas que possuíam no passado. Por seu turno, o contacto que estabeleceram com as populações agrícolas provocou adulterações no seu modo de vida “original”.

Dois trabalhos mais recentes, vieram contestar esta explicação simplista das diferenças entre os caçadores do passado e os do presente. O primeiro, de Silberbauer, consiste num estudo monográfico sobre os Bosquimanes g/wi. De acordo com este autor, não existem provas evidentes de que estes caçadores-recolectores habitem o deserto pelo facto de para aí terem sido “empurrados” por outras civilizações. Pelo contrário, é provável que eles sejam os descendentes das comunidades que há cerca de 25.000 anos ocuparam várias regiões de África,

nomeadamente o Kalahari (SILBERBAUER, 1981). Portanto, a sua diferença em relação aos caçadores do passado não pode ser vista como uma consequência do “encapsulamento”.

O segundo trabalho, realizado por R. Foley (FOLEY, 1991), baseia-se em estudos de Antropologia Física, a partir dos quais tira interessantes conclusões sobre alguns comportamentos dos nossos antepassados, que mostra terem sido francamente diferentes dos dos caçadores-recolectores actuais.

Como refere este autor, a comparação entre populações contemporâneas e populações pré-históricas deve ser feita de forma estrutural — ou seja, com base em dados físicos e psíquicos, obtidos a partir de elementos paleontológicos e antropológicos — e não segundo critérios socio-culturais (esta observação, havia já sido feita por Sally Binford durante o simpósio *Man The Hunter*).

Foley distingue, deste modo, dois níveis de comparação: um em que se comparam caçadores-recolectores actuais e hominídeos do género *Homo*, anteriores ao aparecimento do Homem moderno, e um outro, em que é feita uma analogia entre o primitivo *Homo sapiens sapiens* e os caçadores-recolectores dos nossos dias.

No primeiro caso mostra que tal comparação é praticamente impossível. Os nossos antepassados (*Homo erectus*, por exemplo) possuíam uma compleição física e intelectual muito diferente da dos caçadores-recolectores actuais. Evidentemente, estes aspectos ter-se-ão reflectido no seu modo de vida — nas relações sociais, em aspectos demográficos, económicos, tecnológicos, etc., pelo que terão tido comportamentos substancialmente diferentes dos do Homem moderno. Relativamente às estratégias de subsistência, Foley refere que, ao contrário do que indicam os trabalhos de Brain e de Binford (BINFORD, 1988), os hominídeos praticaram uma actividade cinegética bastante importante que se terá mesmo aproximado da dos caçadores-recolectores dos dias de hoje. Contudo, e segundo o mesmo autor, o importante, mais do que saber qual o peso daquela actividade no conjunto das estratégias de aquisição de alimentos, é determinar se eles definiam já territórios de exploração onde demarcavam lugares centrais, se estabeleciam relações sociais baseadas na partilha de recursos, se valorizavam os laços de parentesco, se possuíam algum tipo de divisão de tarefas, etc.

Um outro aspecto para que chama a atenção, é para a diferença radical entre os biomas actuais e os do passado. Durante os dois últimos milhões de anos, a evolução climática do planeta foi imprimindo a certas regiões do Globo características específicas, perante as quais o Homem desenvolveu processos adaptativos diferenciados. Daí, resultaram culturas distintas, não só na perspectiva diacrónica, como também sincrónica.

Assim, Foley conclui que (...) *there is no reason to assume that their foraging behaviour was the same level of organization as modern hunter-gatherers in*

terms of planning depth, scheduling, subsistence activity and foraging flexibility. In absence of clear-cut evidence for central place foraging similar to that of modern hunter-gatherers, inferences about the social and sharing behaviour of early hominids must be tentative only (FOLEY, 1991, p. 215).

Mas se o estabelecimento de paralelos entre os Homens Arcaicos e os caçadores-recolectores actuais parece ser difícil, a sua comparação com as primeiras formas de Homem Moderno não se apresenta mais fácil. De facto, continuam a existir entre os dois acentuadas diferenças biológicas que, consequentemente, se manifestam ao nível socio-cultural.

O Homem do Paleolítico superior, relativamente ao Homem contemporâneo, possuía uma estrutura óssea e muscular muito mais desenvolvida, bem como um maior grau de dimorfismo sexual. Segundo Foley, estas duas características físicas podem reflectir diferentes padrões de subsistência e diferentes padrões sociais. É provável que o Homem pré-histórico, pela sua maior estatura e força se dedicasse intensivamente à caça, enquanto que a mulher podia praticar a recollecção. Esta função, contudo deveria ser bastante excepcional uma vez que a grande dimensão dos mamíferos capturados proporcionaria uma quantidade de alimento bastante significativa.

Do ponto de vista social, esta *dependência económica* da mulher tem algum significado. Por um lado, o homem adquire um estatuto de superioridade. Por outro, mostra que a paternidade terá sido um investimento, já que é o macho que se assume como o responsável pela sobrevivência da família. Perante esta situação, e pelo facto do dimorfismo sexual estar associado à poligamia (traduz ambientes de competição entre machos pelo acesso às fêmeas), é possível que tal prática tivesse existido no passado. Como consequência, teria havido um maior número de nascimentos, o que certamente contribuiu para o aparecimento de comunidades com altos valores demográficos. Se compararmos este quadro com o já delineado para as sociedades de caçadores-recolectores “tradicionalis” vemos que surgem claras discrepâncias.

Ainda no que se refere às sociedades paleolíticas, nas quais a caça de grandes animais revelou um tão grande peso no quadro da economia de subsistência, ter-se-ão, provavelmente, desenvolvido fortes laços entre indivíduos visando a interajuda. Dada a imprevisibilidade desta actividade, podem ter-se gerado situações de dependência ou endividamento de uns grupos face a outros, o que, como referimos anteriormente, terá conduzido ao aparecimento de desigualdades sociais e, em última instância, de hierarquias.

Os caçadores-recolectores actuais, tal como refere Binford, correspondem a sociedades que resultaram de uma adaptação pós-pleistocénica (BINFORD, 1972), a qual trouxe também implicações na estrutura biológica e socio-cultural dos seus elementos (FOLEY, 1991). A partir do momento em que os grandes animais se

extinguiram, o Homem começou a perder a robustez através de processos de selecção natural, na medida em que a força de que necessitava para a sua captura passou a ser menor. Por outro lado, como a quantidade de alimentos proporcionada pela caça tende a ser muitas vezes insuficiente, a mulher vê-se obrigada a incrementar a recollecção, principalmente de frutos e de diversos vegetais. Esta actividade ganha, a partir desta altura, uma importância decisiva na alimentação dos caçadores-recolectores.

Em termos sociais, observa-se um nivelamento significativo entre o homem e a mulher, já que agora adquirem ambos um volume de recursos alimentares aproximados. Simultaneamente, surge a necessidade da *partilha*, pois a sobrevivência dos bandos poderá muitas vezes depender dela. A ocupação de nichos ecológicos mais pobres vai levar, por sua vez, ao incremento do nomadismo e à manutenção de baixos índices demográficos (a passagem da poligamia à monogamia pode ser considerada como um mecanismo natural de regulação da densidade populacional).

Muitos outros aspectos podiam ser referidos para demonstrar a impossibilidade de uma correlação linear entre populações do Paleolítico e caçadores actuais. Graças a estes trabalhos mais recentes é possível proceder-se a uma revisão crítica da afirmação de Lee e Devore de que o Homem viveu 99 por cento da sua existência como caçador-recolector, existência essa que, à luz da Antropologia dos anos 60, significava que a História do Homem teria consistido num processo de adaptação de um indivíduo portador duma cultura de tipo *Nomadic Style*. Na realidade, como vimos, este tipo de cultura é relativamente recente.

5. REVISÃO CRÍTICA DA NOÇÃO DE COMUNISMO PRIMITIVO

Uma das características tradicionalmente atribuídas às sociedades de caçadores-recolectores é o seu desenvolvido sentido altruísta, que visa o bem estar geral dos membros da comunidade. Este sentimento, segundo alguns autores, traduz-se numa partilha espontânea dos recursos básicos, sem se esperar receber algo em troca.

Estudos realizados por Eric Alden Smith (SMITH, 1991) vieram reformular esta ideia, chamando a atenção para a existência de um elevado grau de *risco e incerteza* nas práticas económicas destas populações. Estes dois aspectos, também subjacentes a todo o tipo de relação de reciprocidade, tendem a atenuar-lhe o carácter altruísta e a conferirem-lhe, por seu turno, uma dimensão mais "calculista".

A caça e a recollecção são actividades estocásticas — ou seja, a sua rentabilidade depende grandemente do acaso. Deste modo, a partilha de bens essenciais

implica a noção de *custos*: se as dimensões ou quantidades de produtos adquiridos for reduzida, se o grupo dador tiver uma alta concentração demográfica ou se as distâncias a percorrer entre acampamentos forem elevadas, pode verificar-se uma retracção da atitude de partilha. Por outro lado, neste modo de subsistência, directamente relacionado com o aproveitamento da natureza, há um constante assincronismo entre localidades relativamente ao *lucro* obtido a partir dos produtos recolhidos — *i.e.*, é provável que um momento de abundância numa dada região, corresponda a um momento de escassez numa outra. Daqui resulta que a população que está em *deficit* de recursos terá de espalhar-se por um território de exploração de maiores dimensões a fim de os adquirir. Deste modo, a possibilidade de contacto entre os bandos com abundância e os bandos com escassez torna-se mais difícil em função da dispersão e do conseqüente aumento de distância entre indivíduos. A partilha, que seria então uma medida de superação de uma crise, tende a diminuir de intensidade em conseqüência dos elevados *custos* (dispendio de energia) que a sua prática implica.

Um outro factor que pode dificultar a *generalized reciprocity* é a *incerteza* por parte do grupo dador de que o grupo que recebeu algum dia retribuirá a dádiva. Há casos etnograficamente documentados que apontam no sentido da existência de “oportunismo” nas sociedades de caçadores-recolectores. Por outras palavras, são comuns as situações de não retribuição dos favores inicialmente concedidos. Assim, os caçadores-recolectores desenvolveram um sistema de reciprocidade que não só visa diminuir os *riscos* e os *custos* proporcionados pela partilha, como também procura garantir a aquisição de contrapartidas resultantes da sua atitude (lucros ou recompensas).

Pelo facto dos *custos* estarem relacionados com a troca de bens, estas populações, em momentos de crise, preferem incrementar a deslocação de pessoas para outros bandos — de modo a adquirirem produtos nos territórios de exploração dos seus vizinhos e restabelecerem o equilíbrio com os recursos naturais locais —, do que correr o risco de endividamento face a outro grupo. Contudo, e ao contrário do que refere R. Lee (LEE, 1968), o acesso a esses territórios não é livre, ou seja, não existe a ideia de “terra comunal”, pois a sua exploração por parte de membros de outros bandos traz evidentes prejuízos para o grupo local (diminuição da quantidade / qualidade dos recursos). Assim, alguns antropólogos citados por Smith, referem o facto dos caçadores-recolectores terem desenvolvido certas formas de territorialidade que visam o controle do respectivo território de exploração, pelo qual chegam a estar dispostos a lutar. Por isso, os elementos que vêm de fora e os pretendem utilizar, têm de pedir permissão aos seus “proprietários”.

Esta situação acontece muito frequentemente entre os Bosquimanos San — populações tradicionalmente tidas como possuidoras de um sistema social baseado no *Comunismo primitivo* — e os seus vizinhos agricultores, que pontualmente

pretendem usufruir dos seus recursos cinegéticos. De um modo geral, os “proprietários” concedem a autorização, o que não deixa de ser uma atitude com segundas intenções: ao permitirem o acesso ao seu território os San estão a endividar os agricultores, que futuramente terão de estar prontos para os ajudar. Por outro lado, enquanto tomam as decisões à cerca da possibilidade ou não dos agricultores caçarem no seu território, vão definindo o seu “perfil” de modo a determinarem se se tratam de pessoas “sérias” ou de meros oportunistas. Por vezes, quando se lhes concede permissão para caçar, os caçadores-recolectores oferecem-se para os acompanhar, não unicamente num acto de simpatia e ajuda, mas também com o intuito de procederem ao controle rigoroso do número de presas obtidas pelos agricultores.

Mas de acordo com Smith, uma das contrapartidas mais desejadas pelas comunidades locais é a obtenção de *informações ecológicas* sobre o território envolvente. Uma vez que o grupo “estranho” se desloca através da savana para contactar com os bandos San, é-lhes fácil registar alguns dados extremamente importantes para o dia-a-dia dos Bosquimanos — por exemplo, qual a disponibilidade de recursos, quais as rotas das manadas, quais os poços com água, etc. Assim, através do diálogo com os agricultores, os San conseguem reunir sem esforço um enorme leque de informações que, noutras circunstâncias, teriam um custo energético muito avultado. O planeamento das suas actividades a curto e médio prazo pode, deste modo, processar-se de forma simplificada.

Em conclusão, pode dizer-se que as relações de partilha entre grupos de caçadores-recolectores, mais do que se basearem em princípios de altruísmo ou de gratuitidade, parecem antes ligar-se a estratégias de manutenção de um equilíbrio perfeito entre Homens e recursos. O *risco e a incerteza* que este modo de vida pressupõe, e que contraria a imagem do “happy hunter” dos anos 60, favorece o desenvolvimento de mecanismos que vinculam o auxílio mútuo ao longo de diferentes momentos.

Um dos casos mais paradigmáticos recentemente citado por R. Lee (LEE, 1991) para ilustrar o *Comunismo primitivo*, relaciona-se com uma troca de cigarros entre dois esquimós Innu da Noruega: Um esquimó tirou um cigarro do seu maço, quase vazio. Imediatamente o companheiro que tinha muitos no bolso, pediu-lhe um. O primeiro esquimó entregou-lhe o maço e este, ficando com ele, devolveu-lhe somente um cigarro. Porém, mais tarde, ambos fumaram dos cigarros do segundo que, como refere Lee, passaram a ser *comuns* a partir do momento em que o primeiro esquimó cedeu os seus.

Neste exemplo, mais do que sublinhar o altruísmo do segundo esquimó, na medida em que pela partilha ficou com um maior prejuízo (pois o seu “investimento” foi maior), talvez seja de valorizar a estratégia do primeiro, que não tendo

negado um cigarro (embora tivesse poucos), criou ao segundo uma situação de endividamento, obrigando-o, assim, a retribuir posteriormente.

* * *

De muitas outras perspectivas poderia ter sido feita a revisão crítica da obra *Man the Hunter*. Preferimos, no entanto, centrar a nossa atenção nos aspectos de carácter mais geral que têm vindo a contribuir para uma nova definição das sociedades de caçadores-recolectores.

Por outro lado, e antes de concluir, importa salientar que, pelo facto das posições assumidas pelos vários autores aqui citados contradizerem muito do que foi dito no Simpósio de Chicago, não significa que a obra que dele resultou tenha perdido o seu valor. De facto, e de acordo com alguns antropólogos actuais, ela continua a representar um dos melhores trabalhos de Antropologia até hoje realizados.

Esmoriz, 24 de Junho de 1992.

BIBLIOGRAFIA

- BENDER, B.; MORRIS, B. (1991) - "Twenty years of history, evolution, and social change in gatherer-hunter studies", T. Ingold, D. Riches, J. Woodburn (Ed.), *Hunter and Gatherers. History, Evolution and Social Change*, NY, Berg.
- BALIKCI, A. (1968) - "The Netsilik Eskimos: Adaptive Processes", R. Lee and I. Devore (Ed.), *Man The Hunter*, NY, Aldine.
- BINFORD, L. R. (1968) - "Methodological Considerations of the Archaeological Use of Ethnographic Data", R. Lee and I. Devore (Ed.), *Man The Hunter*, NY, Aldine.
- Id. (1972) - "Post-Pleistocene Adaptations", *An Archaeological Perspective*, NY, Seminar Press.
- Id. (1972) - "Smudge Pits and Hide Smoking: The Use of Analogy in Archaeological Reasoning", *An Archaeological Perspective*, NY, Seminar Press.
- Id. (1983) - "Willow Smoke and Dogs' Tails: Hunter-Gatherer Settlement Systems and Archaeological Site Formation", *Working At Archaeology*, NY, Academic Press.
- Id. (1988) - *En Busca del Pasado*, ed. Critica, Barcelona.
- BINFORD, S. R. (1968) - "Ethnographic Data and Understanding the Pleistocene", R. Lee and I. Devore (Ed.), *Man The Hunter*, NY, Aldine.
- BIRD-DAVID, N. H. (1991) - "Hunters and Gatherers and Other People - Re-examination", T. Ingold, D. Riches, J. Woodburn (Ed.), *Hunter and Gatherers. History, Evolution and Social Change*, NY, Berg.
- CAMPBELL, B. (1983) - *Ecologia Humana*, Ed. 70, Lisboa.
- FOLEY, R. (1991) - "Hominids, Humans and Hunter-Gatherers: an Evolutionary Perspective", T. Ingold, D. Riches, J. Woodburn (Ed.), *Hunter and Gatherers. History, Evolution and Social Change*, NY, Berg.
- HASSAN, F. (1981) - *Demographic Archaeology*, NY, Academic Press.

- LEE, R.; DEVORE, I. (1968) - "Problems in the Study of Hunters and Gatherers", R. Lee and I. Devore (Ed.), *Man The Hunter*, NY, Aldine.
- LEE, R. (1968) - "What Hunters Do for a Living, or, How to Make Out on Scarce Resources", R. Lee and I. Devore (Ed.), *Man The Hunter*, NY, Aldine.
- Id. (1991) - "Reflections on Primitive Comunism", T. Ingold, D. Riches, J. Woodburn (Ed.), *Hunter and Gatherers. History, Evolution and Social Change*, NY, Berg.
- PEDERSEN, J.; WOEHLE, E. (1991) - "The Complexities of Residential Organization among the Efe (Mbuti) and the Bamgombi (Baka): a critical view of the notion of flux in hunter-gatherer societies", T. Ingold, D. Riches, J. Woodburn (Ed.), *Hunter and Gatherers. History, Evolution and Social Change*, NY, Berg.
- SAHLINS, M. (1977) - *Economia de la Edad de Piedra*, Akal Editor, Madrid.
- SILBERBAUER, G. (1981) - *Cazadores del Desierto*, ed. Mitre, Barcelona.
- SMITH, E. A. (1991) - "Risk and uncertainty in the original affluent society: evolutionary ecology of resource-sharing and land tenure", T. Ingold, D. Riches, J. Woodburn (Ed.), *Hunter and Gatherers. History, Evolution and Social Change*, NY, Berg.
- SUTTLES, W. (1968) - "Coping with Abundance: Subsistence on the Northwest Coast", R. Lee and I. Devore (Ed.), *Man The Hunter*, NY, Aldine.
- TESTART, A. (1982) - *Les Chasseurs-Cueilleurs ou l'Origine des Inégalités*, Memoires de la Societé d'Ethnographie, XXVI, Paris.
- TURNBULL, C. M. (1963) - "La Leccion de los Pigmeos", *Biologia y Cultura*, Selecciones de *Scientific American*, Enero, 1963.
- Id. (1968) - "The importance of Flux in two Hunting Societies", R. Lee and I. Devore (Ed.), *Man The Hunter*, NY, Aldine.
- WATANABE, H. (1968) - "Subsistence and Ecology of Northern Food Gatherers with special reference to the Ainu", R. Lee and I. Devore (Ed.), *Man The Hunter*, NY, Aldine.
- WOODBURN, J. (1968) - "An introduction to Hadza Ecology", R. Lee and I. Devore (Ed.), *Man The Hunter*, NY, Aldine.